



PAISAGEM CULTURAL E SIMBÓLICA DO VALE DO PARANHANA EM LONGE DO RENO – UMA RESPOSTA A VIANNA MOOG, DE BAYARD DE TOLEDO MÉRCIO¹

*CULTURAL AND SYMBOLIC LANDSCAPE OF THE VALE DO
PARANHANA EM LONGE DO RENO – UMA RESPOSTA A VIANNA
MOOG, DE BAYARD DE TOLEDO MÉRCIO*

DOI: 10.5281/zenodo.20721981



Rafaela Lorenz²

Ernani Mügge³

RESUMO

O trabalho analisa o romance *Longe do Reno – uma resposta a Vianna Moog*, de Bayard de Toledo Mércio, sob a perspectiva da Ecocrítica. Para tanto, investiga de que modo a natureza e a relação entre humano e ambiente são representadas na obra, com foco na paisagem cultural e simbólica do Vale do Paranhana, região marcada pela imigração alemã no Rio Grande do Sul e cenário em que se desenvolve a narrativa. A pesquisa justifica-se pela escassez de estudos ecocríticos voltados à literatura do Vale do Paranhana e pela relevância da obra de Mércio como registro das relações entre memória, identidade e território. Fundamenta-se nos aportes teóricos de Greg Garrard, Cheryll Glotfelty e Lawrence Buell, articulando conceitos como paisagem, identidade, pertencimento, agência da natureza e tropos ecológicos. Metodologicamente, caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, bibliográfica e

1 Este artigo deriva de pesquisa em andamento desenvolvida no âmbito do Trabalho de Conclusão de Curso da autora, sob coorientação do coautor, e está vinculado ao projeto de pesquisa “Estudos ecocríticos e as cenas literárias do passado: análise de textos literários, cartas, diários, memórias e relatos de viagens dos imigrantes germânicos, alemães e seus descendentes na região sul do Brasil”, coordenado pelo Prof. Dr. Ernani Mügge, com apoio da FAPERGS.

2 Graduanda em Letras na Universidade Feevale. Bolsista de Iniciação Científica (Feevale) no projeto mencionado na primeira nota. E-mail: rafaelalorenzr@gmail.com

3 Doutor em Letras (UFRGS). Pesquisador e professor no curso de Letras e no Programa de Pós-graduação em Processos e Manifestações Culturais (Universidade Feevale). E-mail: ernani@feevale.br

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 6 (2026) - DOSSIÊ ESPECIAL:
Conhecimento, Formação e Transformação Social

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição
(CC BY)





interpretativa, de caráter analítico-descritivo, fundamentada na leitura ecocrítica do romance em questão. A análise demonstra que a natureza é ressignificada na narrativa para além de mero cenário, por apresentá-la como força simbólica e ativa, capaz de impor limites, afetar os corpos, organizar a experiência das personagens e participar da constituição da identidade imigrante. Desse modo, o romance representa a paisagem do Vale do Paranhana como espaço de memória, pertencimento e conflito, evidenciando como a narrativa articula natureza, cultura e imigração no contexto sul-riograndense.

Palavras-chave: Ecocrítica; Literatura; Vale do Paranhana; Imigração de língua alemã; *Longe do Reno*.

ABSTRACT

This study analyzes the novel *Longe do Reno – uma resposta a Vianna Moog*, by Bayard de Toledo Mércio, from the perspective of Ecocriticism. To this end, it investigates how nature and the relationship between humans and the environment are represented in the work, focusing on the cultural and symbolic landscape of Vale do Paranhana, a region marked by German immigration in Rio Grande do Sul and the setting in which the narrative unfolds. The research is justified by the scarcity of ecocritical studies devoted to the literature of Vale do Paranhana and by the relevance of Mércio's work as a record of the relationships between memory, identity, and territory. It is theoretically grounded in the contributions of Greg Garrard, Cheryll Glotfelty, and Lawrence Buell, articulating concepts such as landscape, identity, belonging, the agency of nature, and ecological tropes. Methodologically, this is a qualitative, bibliographic, and interpretative study, with an analytical-descriptive approach, based on an ecocritical reading of the novel in question. The analysis demonstrates that nature is resignified in the narrative beyond a mere setting, as it is presented as a symbolic and active force capable of imposing limits, affecting bodies, organizing the characters' experiences, and participating in the construction of immigrant identity. Thus, the novel represents the landscape of Vale do Paranhana as a space of memory, belonging, and conflict, highlighting how the narrative articulates nature, culture, and immigration in the context of Rio Grande do Sul.

Keywords: Ecocriticism; Literature; Vale do Paranhana; German-speaking immigration; *Longe do Reno*.

INTRODUÇÃO

A literatura, como forma de representação simbólica da experiência humana, permite compreender não apenas os sujeitos e seus conflitos, mas também os espaços que habitam, transformam e pelos quais são transformados. No campo dos estudos literários, a relação entre humano e ambiente tem recebido crescente atenção, sobretudo a partir da Ecocrítica, perspectiva teórica que investiga os modos como a literatura representa a natureza, a

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 6 (2026) - DOSSIÊ ESPECIAL:
Conhecimento, Formação e Transformação Social

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição
(CC BY)





paisagem e as relações entre o humano e o não humano. Essa abordagem possibilita deslocar a natureza da condição de simples cenário narrativo, compreendendo-a como elemento ativo na construção de sentidos, identidades e memórias.

No contexto da literatura sul-rio-grandense, especialmente nas narrativas que tematizam a imigração de falantes de língua alemã, a paisagem ocupa lugar fundamental. A chegada dos imigrantes ao Rio Grande do Sul, a partir de 1824, foi um processo complexo de adaptação cultural, transformação ambiental e reconstrução identitária. A terra, a mata, os rios, o clima e o trabalho agrícola aparecem, nessas narrativas, como elementos constitutivos da experiência imigrante, uma vez que participam da formação de vínculos de pertencimento e da organização simbólica do novo território. Dessa forma, a literatura regional pode ser compreendida como espaço privilegiado para investigar as relações entre memória, identidade e ambiente.

É nesse horizonte que se insere o romance *Longe do Reno* - uma resposta a Vianna Moog, de Bayard de Toledo Mércio, publicado em 1940. A obra foi escrita em diálogo com outro romance, *Um rio imita o Reno*, de Clodomir Vianna Moog, publicado em 1938, e participa dos debates sobre imigração, nacionalidade e integração cultural que marcaram a primeira metade do século XX no Brasil, especialmente durante o Estado Novo. Se Moog problematiza a presença dos descendentes de imigrantes alemães no Brasil a partir do isolamento cultural, dos preconceitos étnicos e das tensões em torno da nacionalidade, em *Longe do Reno*⁴, a comunidade de origem alemã é representada a partir de uma perspectiva que busca afirmar sua integração ao Brasil e sua contribuição para o desenvolvimento regional. No entanto, além da dimensão cultural e identitária, o romance também permite observar a presença significativa da paisagem natural, do trabalho sobre a terra e das tensões entre pertencimento, domesticação da natureza e transformação do espaço.

A aproximação entre a narrativa de Mércio e o espaço histórico do Vale do Paranhana é observada por Santos (2017), ao analisar a construção ficcional da cidade de Cruzeiro,

4 A partir desta ocorrência, para fins de simplificação, a obra será mencionada apenas por seu título principal.





localidade onde se passa o romance. Segundo o autor, por estar exercendo atividades políticas em Taquara em 1940, Bayard de Toledo Mércio provavelmente se baseou nesse município para construir ficcionalmente Cruzeiro, fazendo com que realidade vivida e ficção imaginada se cruzem na obra. Desse modo, a contextualização histórica do Vale do Paranhana torna-se relevante para esta pesquisa, pois permite compreender o território que provavelmente serviu de referência à construção ficcional de Cruzeiro.

O presente trabalho tem como tema a representação da natureza e da relação entre humano e ambiente na literatura, sob a perspectiva da Ecocrítica. Delimita-se à análise do romance, com foco na paisagem cultural e simbólica do Vale do Paranhana, região marcada pela imigração alemã no Rio Grande do Sul e cenário em que provavelmente se desenvolve a narrativa. A escolha da obra justifica-se pela relevância de Mércio para a literatura regional e pelo modo como seu romance registra, ainda que indiretamente, as relações entre imigração, território, memória e ambiente.

A pertinência desta pesquisa reside, ainda, na escassez de estudos ecocríticos voltados especificamente à literatura do Vale do Paranhana. Embora existam pesquisas sobre literatura de imigração alemã no Rio Grande do Sul, identidade teuto-brasileira e representações culturais da imigração, observa-se que a dimensão ecológica dessas narrativas nem sempre recebe atenção. No caso de *Longe do Reno*, a natureza aparece articulada à experiência das personagens, à construção da identidade imigrante e à transformação da paisagem regional, o que permite uma leitura voltada às relações entre literatura, cultura e ambiente. Assim, este estudo busca contribuir para os estudos literários ao propor uma interpretação ecocrítica de uma obra regional ainda pouco explorada sob esse viés.

Embora *Longe do Reno* não se apresente, em sentido estrito, como uma obra de temática ambiental, a leitura ecocrítica permite investigar as implicações ecológicas presentes na representação da experiência imigrante. Conforme Pinto e Magalhães (2015), a Ecocrítica não se limita aos textos explicitamente ambientais, pois também examina as relações entre





humano e natureza em obras que, à primeira vista, não parecem tratar diretamente do mundo não humano.

A fundamentação teórica apoia-se, principalmente, nos estudos de Greg Garrard, Cheryll Glotfelty e Lawrence Buell, autores centrais para a constituição da Ecocrítica como campo de investigação literária. A partir desses referenciais, são mobilizados conceitos como paisagem, pertencimento, agência da natureza, antropocentrismo e tropos ecológicos.

Também são considerados estudos sobre imigração alemã, identidade regional, história ambiental e literatura sul-rio-grandense, com o objetivo de contextualizar a obra de Mércio e compreender as relações entre o texto literário e o espaço histórico-cultural que ele representa. Metodologicamente, a pesquisa caracteriza-se como qualitativa, bibliográfica e interpretativa, de caráter analítico-descritivo, fundamentada na leitura ecocrítica do romance. O estudo parte da leitura integral da obra e do levantamento de fontes teóricas e críticas relacionadas à Ecocrítica, à literatura regional, à imigração alemã no Rio Grande do Sul e ao contexto histórico do Vale do Paranhana. A análise concentra-se em passagens do romance nas quais a natureza, a paisagem, o clima, a terra, a mata e o trabalho agrícola aparecem associados à experiência das personagens e à construção simbólica do pertencimento. Para isso, observam-se elementos como o pastoral, o geórgico, o sublime e a perspectiva antropocêntrica, considerando sua função na organização dos sentidos da narrativa.

DEFINIÇÃO E ORIGENS DA ECOCRÍTICA

A Ecocrítica constitui um campo interdisciplinar de estudo que emergiu nas últimas décadas do século XX, com o propósito de analisar as relações entre literatura e meio ambiente. Como destaca Glotfelty (1996),

Dito em termos simples, a ecocrítica é o estudo da relação entre a literatura e o ambiente físico. Assim como a crítica feminista examina a língua e a literatura de um ponto de vista consciente dos gêneros, e a crítica marxista traz para sua interpretação dos textos uma consciência dos modos de produção e das classes

**Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 6 (2026) - DOSSIÊ ESPECIAL:
Conhecimento, Formação e Transformação Social**

**A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição
(CC BY)**





econômicas, a ecocrítica adota uma abordagem dos estudos literários centrados na Terra (Glotfelty, 1996, p. XIX).

A formulação de Glotfelty (1996) é importante para este trabalho porque amplia o modo de ler obras em que o espaço natural parece, à primeira vista, ocupar uma posição secundária. Em vez de compreender a natureza apenas como cenário da ação humana, a Ecocrítica permite observar como o ambiente participa da produção de sentidos do texto literário. No caso de *Longe do Reno*, essa perspectiva possibilita analisar a terra, a mata, o clima, os rios, as lavouras e os morros do espaço no qual a obra está ambientada como elementos vinculados à experiência imigrante, à construção do pertencimento e à transformação histórica da paisagem.

Enquanto disciplina, ela se relaciona com outros campos, como a crítica feminista e o marxismo, e busca explicitamente a análise cultural das implicações ambientais dos sistemas de produção e das classes econômicas. Diferentemente das abordagens puramente estéticas, a Ecocrítica propõe uma leitura ética e cultural da obra literária, na qual o ambiente deixa de ser um cenário passivo para se tornar parte constitutiva da narrativa.

Garrard (2006) enfatiza que se trata de uma prática crítica assumidamente política, na medida em que os ecocríticos costumam relacionar suas interpretações culturais a um projeto moral e político de caráter “verde”. Essa perspectiva evidencia o potencial do campo de investigação para enriquecer o debate atual sobre formas responsáveis, cuidadosas e solidárias de habitar o planeta. No contexto escolar, essa abordagem pode servir de apoio a docentes que desejem tratar de questões ambientais a partir de diversos tipos de textos, especialmente os literários, explorando neles sua capacidade de provocar questionamentos amplos.

Ainda conforme Garrard (2006), a definição mais ampla do objeto da Ecocrítica é a de estudo da relação entre o humano e o não humano ao longo de toda a história cultural humana, acarretando uma análise crítica do próprio termo “humano”. Ao propor que esse campo examine não apenas representações do ambiente, mas também as próprias categorias que estruturam a visão de mundo, o teórico indica que a ecocrítica opera como um

**Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 6 (2026) - DOSSIÊ ESPECIAL:
Conhecimento, Formação e Transformação Social**

**A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição
(CC BY)**





instrumento crítico capaz de revelar tensões, hierarquias e pressupostos antropocêntricos arraigados na cultura. Assim, os textos literários tornam-se espaços privilegiados para observar como diferentes sociedades constroem, naturalizam ou contestam as fronteiras simbólicas entre o humano e o não humano, ampliando o debate contemporâneo sobre ética ambiental, responsabilidade ecológica e formas mais solidárias e sustentáveis de habitar o planeta.

A Ecocrítica, portanto, atua como ponte entre literatura e meio ambiente, promovendo um diálogo entre arte, ética e ecologia. Ao interpretar textos literários sob essa perspectiva, é possível perceber como as representações da natureza expressam valores culturais, ideológicos e históricos, refletindo a forma como uma sociedade se relaciona com o espaço que habita. No caso da literatura regional e das narrativas imigrantes, a abordagem permite compreender a terra não apenas como recurso produtivo, mas como elemento simbólico de pertencimento, memória e identidade.

Ainda,

O desafio dos ecocríticos está em manter um olho nos modos como a “natureza” é sempre culturalmente construída, em certos aspectos, e o outro no fato de que ela realmente existe, tanto como objeto quanto, ainda que de forma distante, como origem de nosso discurso. Lawrence Buell chama isso de “mito do construcionismo recíproco: do meio físico (natural e construído pelo homem), que molda em certa medida culturas, as quais, em certa medida, remoldam-no continuamente (Garrard, 2006, p. 22).

Embora as concepções de “natureza” sejam sempre mediadas pela cultura e pelos interesses sociais, isto é, culturalmente construídas, não significa que a natureza exista apenas como uma invenção simbólica. Ao contrário, o mundo físico possui materialidade própria e exerce influência concreta sobre as práticas, formas de vida e discursos humanos. O desafio, como aponta Buell (1995), é reconhecer simultaneamente esses dois aspectos: compreender que a natureza é interpretada e representada de modos historicamente situados, mas também admitir que ela existe independentemente dessas representações. Esse equilíbrio, que Buell (1995) denomina “construcionismo recíproco”, evidencia o movimento constante pelo qual o meio físico molda as culturas humanas, ao mesmo tempo em que é por elas transformado,

**Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 6 (2026) - DOSSIÊ ESPECIAL:
Conhecimento, Formação e Transformação Social**

**A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição
(CC BY)**





num processo contínuo de influência mútua.

Dito isso, ao incorporar os pressupostos de Glotfelty (1996), Garrard (2006) e Buell (1995), este trabalho adota a Ecocrítica como lente de leitura para investigar as representações da natureza na literatura regional, compreendendo a paisagem como mediadora das relações entre memória, identidade e meio ambiente, especialmente no contexto simbólico das narrativas imigrantes do Vale do Paranhana.

OS TROPOS

A abordagem de Garrard (2006) se estrutura em capítulos que exploram diferentes tropos ecológicos, isto é, formas recorrentes de representação por meio das quais a cultura ocidental tem imaginado, narrado e interpretado a natureza. Segundo Cove (2024), o tropo pode ser compreendido como uma figura de linguagem que ultrapassa o sentido literal das palavras, carregando um significado mais profundo. O termo, de origem grega, remete à ideia de “virar” ou “desviar”, indicando justamente um deslocamento de sentido. No campo da Ecocrítica, essa noção torna-se essencial porque permite observar como determinadas imagens da natureza não aparecem de modo neutro nos textos literários, mas vinculadas a valores, tensões históricas, modos de vida e formas de relação entre humanos e ambiente.

Diante disso, os tropos oferecem instrumentos importantes para a análise de *Longe do Reno*, pois ajudam a compreender como a obra representa a paisagem, o trabalho agrícola, a mata, os animais, a terra e as ameaças naturais no contexto da imigração de falantes de língua alemã no Vale do Paranhana.

Desse modo, os tropos apresentados no quadro servem como apoio para a leitura de *Longe do Reno*, sem limitar a interpretação da obra a classificações fechadas. Isso porque a paisagem, no romance, não possui uma única significação; ao contrário, a multiplicidade de sentidos permite compreender a natureza como parte ativa da experiência imigrante representada por Bayard de Toledo Mércio.

**Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 6 (2026) - DOSSIÊ ESPECIAL:
Conhecimento, Formação e Transformação Social**

**A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição
(CC BY)**





A sistematização dessas categorias aproxima a análise literária de um procedimento metodológico mais controlado, uma vez que os excertos do romance são lidos a partir de eixos previamente definidos. Assim, a análise não se limita a comentários isolados sobre a presença da natureza, mas procura observar de que modo cada representação ambiental contribui para a construção dos sentidos da narrativa.

LITERATURA, MIGRAÇÃO E NATUREZA

A literatura, enquanto forma de expressão artística e cultural, constitui um espaço privilegiado para a preservação da memória coletiva e para a construção de identidades. No contexto das migrações, especialmente no caso da imigração alemã para o Rio Grande do Sul, as literaturas sobre imigrantes e seus descendentes assumem o papel de registro simbólico das experiências de deslocamento, adaptação e pertencimento. Por meio das narrativas literárias, esses sujeitos são representados em sua relação com o passado e com o novo território, elaborando, pela linguagem, os conflitos e as reconciliações entre o que foi deixado para trás e o que se constrói na nova terra. Nesse sentido,

Registros do pretérito são fontes indispensáveis para entendermos quem somos e para onde queremos ir, pois mostram as maneiras como vivemos no ecossistema, seja coabitando em harmonia com o não humano, seja assumindo um posicionamento de dominação, fortalecendo fissuras consolidadas desde o surgimento do *Homo sapiens* (Mügge, 2025, p. 58).

Partindo desse pressuposto, Mügge (2025) destaca que obras que apresentam personagens falantes da língua alemã situados no Rio Grande do Sul, imigrantes ou seus descendentes, os chamados “teuto-brasileiros”, constituem material valioso para análises que elucidem como esses atores sociais passaram a integrar as redes de relações entre humanos e não humanos em terras brasileiras, onde criaram raízes. Esses textos revelam trajetórias de adaptação e enraizamento que articulam cultura, memória e paisagem, tornando-se fundamentais para compreender a formação identitária desses grupos.

**Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 6 (2026) - DOSSIÊ ESPECIAL:
Conhecimento, Formação e Transformação Social**

**A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição
(CC BY)**





No Rio Grande do Sul, e particularmente no Vale do Paranhana, essas representações literárias se entrelaçam com a paisagem natural, conferindo à natureza um papel central na construção simbólica dos textos. As florestas, os rios, as montanhas e o clima aparecem como elementos que não apenas ambientam, mas também dialogam com as emoções e com as transformações das personagens. A natureza é, ao mesmo tempo, cenário e espelho da trajetória humana: reflete o esforço, o medo, a esperança e o enraizamento que caracterizam a experiência migrante:

Na historiografia que trata da imigração alemã no Rio Grande do Sul há relatos de vários personagens, como pastores, padres, médicos, e outros visitantes, além dos novos habitantes. Todos descrevem o mesmo cenário para relatar as condições de vida dos novos imigrantes, destacando sempre a floresta selvagem com toda sua beleza, fartura, mas principalmente a imponência e a inospitalidade (Gevehr; Kaspary, 2017, p. 94).

Assim, ao abordar as tradições imigrantes e suas representações literárias, esta discussão propõe uma reflexão sobre como a literatura regional do Rio Grande do Sul articula as dimensões da identidade, da pertença e da linguagem no contexto do deslocamento físico e simbólico. Por meio da ficção, a produção literária da região constrói pontes entre o passado e o presente, entre o humano e o natural, e entre o local e o universal, reafirmando a literatura como instrumento de memória, resistência e continuidade cultural.

O VALE DO PARANHANA E O CONTEXTO HISTÓRICO

O Vale do Paranhana, cuja formação histórica está vinculada à antiga Colônia de Santa Maria do Mundo Novo, constitui uma região marcada por relações entre território, migração, trabalho e transformação da paisagem. Localizado no Rio Grande do Sul, é composto pelos municípios de Igrejinha, Parobé, Riozinho, Rolante, Taquara e Três Coroas. Conforme Gevehr *et al.* (2019), trata-se de um recorte da mesorregião metropolitana de Porto Alegre, organizado a partir da centralidade histórica de Taquara, município mais antigo da região e importante para a formação territorial do Vale.

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 6 (2026) - DOSSIÊ ESPECIAL:
Conhecimento, Formação e Transformação Social

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição
(CC BY)





A localidade passou por profundas transformações a partir do século XIX. Segundo Schierholt (2004), o território foi ocupado por sucessivas levas de imigrantes de diferentes origens, entre elas lusa, germânica, italiana, sueca, polonesa e austro-húngara. A colonização lusa iniciou-se por volta de 1750, enquanto a maior parte dos demais grupos mencionados passou a chegar somente a partir da década de 1890.

Antes da consolidação dos núcleos coloniais de origem alemã, havia ocupações indígenas, luso-brasileiras e negras no território. Segundo Oliveira (2018), parte da região de Taquara já era ocupada por luso-brasileiros instalados ao longo dos cursos de água navegáveis e das estradas de tropeiros. A autora também registra que famílias de origem portuguesa, estabelecidas em localidades hoje pertencentes a Taquara, utilizavam mão de obra escravizada em engenhos, plantações e atafonas.

A origem da Colônia de Santa Maria do Mundo Novo está ligada à antiga Fazenda Mundo Novo, localizada na margem do Rio dos Sinos. Conforme Oliveira (2018), essa fazenda teve origem em uma sesmaria⁵ concedida por D. Diogo de Souza⁶ ao comerciante porto-alegrense Antônio Borges de Almeida Leães, que solicitou terras nas margens do Rio dos Sinos em 1813 e as recebeu em 1814. Após a morte de Leães, em 1829, sua viúva, Libania Inocência Corrêa de Leães, vendeu a fazenda, em 1845, para Tristão José Monteiro e Jorge Eggers, com o objetivo de quitar dívidas do inventário. Com o rompimento da sociedade entre Monteiro e Eggers, aquele iniciou, em 1846, a transformação da Fazenda Mundo Novo em um empreendimento particular de colonização, denominado Colônia de Santa Maria do Mundo Novo, por localizar-se nas proximidades do Rio Santa Maria, atual Rio Paranhana.

A formação histórica do Vale do Paranhana está, portanto, diretamente ligada à

5 Grandes extensões de terras doadas pela Coroa portuguesa a particulares com o objetivo de povoar e cultivar o solo.

6 Dom Diogo Martim Afonso de Souza Teles de Menezes foi governador e capitão-general da Capitania-Geral do Rio Grande de São Pedro. Segundo Costa (2010), o governo da Capitania foi oficialmente decretado em 25 de fevereiro de 1807, e D. Diogo, seu primeiro governador e capitão-general, tomou posse em 9 de outubro de 1809.





Colônia de Santa Maria do Mundo Novo. Esse território compreendia áreas que hoje correspondem, especialmente, aos municípios de Taquara, Igrejinha e Três Coroas. Conforme Pereira (2024), retomando Kasparry e Gevehr, a Colônia do Mundo Novo foi fundada em 1846 por Tristão José Monteiro, que adquirira as terras um ano antes e as dividiu em lotes, ou colônias menores, vendidos a colonizadores de diferentes etnias.

Esse dado permite diferenciar a formação do Vale do Paranhana da fase inicial da imigração alemã em São Leopoldo, associada à concessão de terras pelo governo imperial. No caso da antiga Colônia de Santa Maria do Mundo Novo, ocorreu uma dinâmica ligada à compra da Fazenda Mundo Novo e à posterior comercialização de lotes por Tristão José Monteiro.

A imigração alemã para o sul do Brasil teve motivações múltiplas, entre elas a busca por melhores condições de vida, o desejo de acesso à terra e o incentivo de políticas de ocupação que viam na colonização europeia uma estratégia de desenvolvimento territorial. Entretanto, as expectativas foram quebradas:

No lugar de campos tranquilos e bucólicos, como muitos imaginaram, ou mesmo de áreas antropizadas, com as quais estavam acostumados, os forasteiros encontraram um cenário intimidador. Ali imperava a chamada Urwald – palavra que se tornaria uma constante nas cartas e diários desses homens e mulheres. Era a floresta virgem, feita de imensos exemplares de cedros, cabriúvas, angicos e canafístulas, dentre outras milhares de espécies, em meio a emaranhados de cipós e trepadeiras. Tratava-se de uma paisagem ambígua que despertou medo e, ao mesmo tempo, fascínio (Bublitz, 2008, p. 324).

O processo de adaptação dos imigrantes implicou a transformação gradual do Vale do Paranhana, assim, as matas nativas foram derrubadas para a abertura de roças, construção de casas e implantação de pequenas propriedades agrícolas. Roche (1969) observa que os imigrantes alemães atuavam como verdadeiros “fabricantes de terra”, expressão que utiliza para destacar o intenso processo de derrubada da mata e abertura de áreas cultiváveis. Nessa lógica, quanto maior o espaço desbravado, maior a capacidade de gerar riqueza por meio da produção de alimentos e outras culturas agrícolas.

**Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 6 (2026) - DOSSIÊ ESPECIAL:
Conhecimento, Formação e Transformação Social**

**A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição
(CC BY)**





Bassan (2017) observa que a atividade econômica predominante era a agricultura, favorecida pela proximidade dos rios. Em um primeiro momento, eles dedicaram-se à agricultura de subsistência, com o cultivo de feijão, mandioca e milho; posteriormente, passaram a comercializar produtos diversificados, como ferramentas, roupas, calçados, tijolos, farinha, banha e licores.

A centralidade de Taquara também merece destaque. Bassan (2017) aponta que Taquara é o município mais antigo da região, tendo sua fundação vinculada ao século XIX, e que outros municípios do Vale tiveram origem a partir de seu território, como Igrejinha, Parobé e Três Coroas. A autora também registra que Taquara foi emancipada em 17 de abril de 1886, enquanto os demais municípios que hoje compõem o Vale foram criados ao longo do século XX. Essa informação é relevante para a leitura de *Longe do Reno*, pois Bayard de Toledo Mércio escreveu sua obra durante sua permanência em Taquara, espaço que provavelmente serviu de referência para a construção ficcional de *Cruzeiro*.

No ano de 1855,

[...] o vale já contava com quatrocentas famílias e um pequeno comércio. As famílias alemãs que se estabeleceram na região trouxeram o conhecimento sobre a produção de sapatos, chinelos e tamancos. No início da colonização, os habitantes davam às picadas nomes dos primeiros moradores. Duas picadas foram abertas às margens do rio: uma ligando Parobé (distrito de Taquara), a sudoeste, com Igrejinha, Três Coroas e Canela, e outra, de Três Coroas, localizada ao norte, a Taquara (sul), passando por Igrejinha (margem esquerda do rio). Essas picadas acabaram transformando-se em estradas coloniais (Bassan, 2017, p. 99).

Nesse processo, Taquara assumiu posição central na formação regional, pois articulava diferentes trajetos coloniais e concentrava parte importante das atividades econômicas e sociais do território. A imagem a seguir permite visualizar esse núcleo urbano em formação, já marcado pela presença de edificações e vias de circulação da ocupação colonial.

Então, o trabalho árduo e o cultivo da terra tornaram-se símbolos de resistência e pertencimento, mas também deram origem a um processo de domesticação da paisagem:





O lócus dessa revolução foi a mata, e o seu objetivo maior, sem dúvida, acabou sendo a eliminação dessa vegetação, considerada sinônimo de caos, de selvageria e de atraso. Sintomaticamente, os colonos derrubaram a floresta para tornar a nova terra semelhante à antiga (Bublitz, 2008, p. 324).

Partindo dessa ideia, a transformação ambiental não se deu sem perdas: o desmatamento intenso, a introdução de espécies exóticas e o uso de técnicas agrícolas voltadas à subsistência e ao comércio alteraram profundamente os ecossistemas locais. Essa forma de perceber o ambiente integra um panorama mais amplo, relacionado ao que Pádua (2019) denomina de “mito da natureza inesgotável”. Conforme explica o autor, a Mata Atlântica, frequentemente descrita como um grande “mar verde”, era vista como um recurso abundante, praticamente ilimitado, o que desestimulava qualquer política de preservação. A existência de vastas extensões de terra disponíveis por preços baixos reforçava a ideia de que havia sempre novos espaços para serem incorporados à exploração produtiva.

Kaspary e Gevehr (2015) apontam que a modificação do ambiente na região teve início com a derrubada dos pinheiros, o que interferiu não apenas na paisagem natural, mas também na configuração cultural dos grupos que ali viviam, os chamados “bugres”, denominação atribuída pelos colonizadores tanto a indígenas quanto a alguns lusitanos. Segundo os autores, esse movimento de transformação foi promovido pelo próprio Estado imperial, que buscava ao mesmo tempo substituir a mão de obra escravizada e implementar uma política de branqueamento populacional.

Entretanto,

O imigrante alemão não pode, no entanto, ser considerado como único responsável pela devastação da mata atlântica, uma vez que o instinto de sobrevivência se sobressaiu na conquista da terra nova, este colono sequer imaginava as consequências que o desmatamento desenfreado poderia impactar ao meio ambiente. O futuro era incerto até mesmo para sua própria família, seu único alento em meio à floresta selvagem (Kaspary; Gevehr, 2015, p. 2).

Do ponto de vista simbólico e cultural, a terra assumiu papel central na identidade dos colonos: ela representava o sustento material e o elo com a nova pátria. Como afirmam

**Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 6 (2026) - DOSSIÊ ESPECIAL:
Conhecimento, Formação e Transformação Social**

**A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição
(CC BY)**





Kaspary e Gevehr (2015), “enquanto a mata atlântica se mantinha imponente, os imigrantes sentiam-se aprisionados pela floresta ameaçadora, com sua força e sons desconhecidos” (Kaspary; Gevehr, 2015, p. 3). Essa percepção da mata como obstáculo ajuda a compreender a tensão entre medo, necessidade e trabalho que marcou a experiência colonial.

O Vale do Paranhana tornou-se, nessa ordem, um microcosmo da experiência imigrante no Rio Grande do Sul. A paisagem transformada passou a refletir uma nova organização espacial e uma nova visão de mundo. Portanto, essa interação entre cultura e natureza, marcada por adaptação, conflito e criação, constitui o cerne da leitura ecocrítica de narrativas ambientadas na região, como a de Mércio, uma vez que compreender o processo histórico de ocupação permite perceber que a natureza representada carrega marcas de conflito, adaptação e pertencimento.

LONGE DO RENO DE BAYARD DE TOLEDO MÉRCIO

O romance *Longe do Reno: uma resposta a Vianna Moog*, publicado em 1940 por Bayard de Toledo Mércio, insere-se no contexto histórico e literário da primeira metade do século XX, período em que o Brasil vivia intensos debates sobre identidade nacional, imigração e assimilação cultural. A obra foi escrita como uma réplica ao romance *Um rio imita o Reno* (1938), de Clodomir Vianna Moog, que retratava as colônias alemãs do Rio Grande do Sul sob um olhar crítico e, em certa medida, questionador do grau de integração desses imigrantes à cultura brasileira. Mércio, por sua vez, buscou apresentar um contraponto ideológico, oferecendo uma visão distinta sobre o papel e a contribuição dos descendentes de alemães na formação do sul do país.

Mércio compôs sua obra em um momento de forte tensão ideológica no Brasil: o período do Estado Novo, em que o tema da nacionalização dos imigrantes, da identidade nacional e da integração cultural era central. Sua resposta literária pode ser vista como um posicionamento, literário e cultural, em face de narrativas que criticavam a comunidade de





imigrantes alemães no Rio Grande do Sul.

Conforme Rodrigo Luís dos Santos (2017),

[...] em *Longe do Reno*, Toledo Mércio não se preocupa em descrever as características urbanísticas da cidade onde se passa sua obra, mas busca reforçar os aspectos de integração cultural e social ao Brasil. Para isso, adota já uma estratégia oposta a Vianna Moog ao escolher o nome da cidade: Cruzeiro. Por conta de, em 1940, Bayard de Toledo Mércio estar exercendo atividades políticas em Taquara, provavelmente ele se baseou nesta cidade para a construção ficcional de Cruzeiro. Assim como Vianna Moog, a vida e as experiências do autor são transportadas nitidamente para o campo literário, onde realidade vivida e ficção imaginada se cruzam diametralmente (Santos, 2017, p. 71).

O enredo apresenta Mário Vasconcelos, médico natural de Sergipe, que chega a Cruzeiro – cidade fictícia construída na narrativa como espaço representativo da colonização alemã no Rio Grande do Sul – para assumir seu posto. Desde o início, ele experimenta um forte choque cultural e demonstra certo preconceito em relação aos teuto-brasileiros, sobretudo ao questionar o nacionalismo e a relação afetiva que esses grupos mantêm com o Brasil. Com essa percepção inicial, Mário chega a solicitar uma transferência, decidido a deixar a localidade. A personagem Dr. Cardoso, antigo morador da cidade e renomado advogado da região, apresenta-lhe outra perspectiva sobre a comunidade local:

Quanto ao germanismo, propriamente dito, não existe. É claro, muitos tem orgulho de sua ascendência e é natural que louvem e admirem o homem que arrancou a terra de seus pais da miséria e da vergonha, (...). Êsses⁷ elementos que desprezas, que repudia, são trabalhadores ordeiros, bons. Mas tu somente tens deles uma impressão exterior (p. 66 – 67).

A visão de Mário, porém, começa a se alterar depois que ele assiste ao desfile de 7 de Setembro, cuja celebração o impressiona profundamente. A mudança de perspectiva se intensifica quando conhece Flávia, neta do Dr. Cardoso e descendente de alemães, por quem acaba desenvolvendo um vínculo afetivo. A relação com Flávia, aliada à nova leitura que

⁷ Nas citações extraídas da obra, optou-se por preservar a grafia original da edição consultada.





passa a fazer da comunidade, torna-se decisiva para sua permanência na região.

Gertz (1991) observa que, historicamente, os imigrantes foram alvo de críticas por supostamente resistirem à integração à cultura brasileira, evitando a miscigenação e preservando sua própria língua. Nessa mesma linha, Olgário Vogt (2007) aponta que, mesmo entre os descendentes já nascidos no Brasil, inclusive a partir da segunda geração, o alemão continuava sendo utilizado como língua materna.

Conforme Vogt (2007), embora os imigrantes alemães representassem um contingente numericamente menor em relação a outros grupos, sua concentração em determinadas regiões fez com que os teuto-brasileiros fossem vistos com desconfiança. Críticas recorrentes afirmavam que essa população ameaçaria a unidade nacional, por pretenderem manter viva a herança cultural germânica, o que contribuiu para sua estigmatização.

Embora o foco central da obra seja a questão identitária e cultural, a paisagem natural desempenha papel relevante na composição do universo narrativo. A presença da natureza, ainda que indiretamente, permite uma leitura ecocrítica do texto, em que a terra é concebida como símbolo de acolhimento e desafio, de pertencimento e transformação. O ato de cultivar, de desbravar e de construir moradias traduz-se, simbolicamente, em um processo de domesticação da paisagem, uma tentativa de moldar o ambiente, mas também de ser moldado por ele.

Assim, *Longe do Reno* pode ser interpretado como um testemunho literário das negociações entre cultura e natureza que marcaram a experiência imigrante no Rio Grande do Sul. Ao mesmo tempo em que responde a uma polêmica literária e ideológica de sua época, o romance registra, em suas entrelinhas, o modo como o imigrante europeu constrói sentidos de pertencimento por meio da relação com a terra. Sob a perspectiva da Ecocrítica, a obra revela o potencial da literatura como espaço de mediação entre memória, identidade e ambiente, um terreno simbólico onde o ser humano e a natureza se encontram para reescrever, juntos, a história do lugar.





A NATUREZA COMO OBSTÁCULO E A RETÓRICA DO PROGRESSO ANTROPOCÊNTRICO

O prefácio do romance, ao evocar trechos do discurso “O sentimento de brasilidade em Blumenau”, de Getúlio Vargas, proferido a 10 de março de 1940, no Teatro Carlos Gomes, da cidade catarinense, estabelece de imediato a visão antropocêntrica que dominou a ocupação do Vale do Paranhana. A descrição das ações dos colonos blumenauenses pelo então Presidente do Brasil “Abateram a mata, lavraram a terra, lançaram a semente, construíram suas casas, formaram as lavouras e ergueram o edifício de sua prosperidade” sintetiza o que Mügge (2025) define como a natureza vista como obstáculo a ser vencido. Aqui, o sucesso do imigrante é medido pela sua capacidade de transformar a “mata virgem” (caos) em “lavoura” (ordem). Essa lógica de enfrentamento entre ser humano e ambiente também aparece em relatos históricos do processo de colonização, como observa Gressler: “cada qual era escravo da floresta virgem, que chamavam sua propriedade, e do duro trabalho a que estavam obrigados pela posse da mata, pois se eles não a vencessem, seriam vencidos por ela” (Gressler *apud* Tresspach, 2023, p. 230).

Nesse contexto, a noção de retórica do progresso antropocêntrico refere-se ao modo como o discurso narrativo organiza a transformação da paisagem como sinal de avanço, trabalho e civilização, colocando o ser humano no centro da ação e convertendo a natureza em matéria a ser dominada. Não se trata, portanto, de um progresso neutro, mas de uma forma de desenvolvimento orientada pela lógica antropocêntrica, na qual a valorização da prosperidade humana depende da submissão do mundo natural aos interesses produtivos.

A narrativa constrói o colono como protagonista de um processo civilizatório marcado pelo enfrentamento da natureza. Nesse sentido, o narrador apresenta uma reflexão significativa acerca da mudança de perspectiva de Mário Vasconcelos, médico natural de Sergipe, que, ao chegar a Cruzeiro para assumir seu posto, passa, aos poucos, a reconhecer as qualidades da terra em que agora vive:

**Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 6 (2026) - DOSSIÊ ESPECIAL:
Conhecimento, Formação e Transformação Social**

**A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição
(CC BY)**





Antiteuto brasileiro, sem saber bem por que, argumentando sem conhecer o povo atacado, crente de que o Brasil só pertencia ao caboclo e ao descendente do espanhol e do português. Estava concluindo agora que o Brasil era bem maior do que os seus pontos de vista absurdos e que ele pertencia a todos, de qualquer origem, de qualquer raça, que trabalham a terra dadivosa ou que cooperam para sua grandeza, nos vários ramos da atividade humana, porque todos vieram para ele, alemães, italianos, portugueses, espanhóis e tantos outros, e adotaram essa nova pátria para si e para sua descendência, vencendo a natureza, não medindo sacrifícios, numa luta titânica contra tudo, conquistando muitas vezes com o sangue o direito de viver em seu solo (Mércio, 1940, p. 113).

A expressão "luta titânica contra tudo", pronunciada por Vasconcelos, reforça o estereótipo do colono como um herói civilizador que conquista o direito ao solo através do "sangue" e do esforço físico exaustivo. No entanto, sob a lente ecocrítica, essa "prosperidade" revela o custo ambiental da colonização: o desaparecimento das florestas nativas em prol de uma estética agrária europeizada. A natureza é, simultaneamente, o "algoz" que isola o homem e a "terra dadivosa" que distribui riqueza a quem a domina.

Assim, o sucesso do imigrante é medido por sua capacidade de transformar a mata virgem, associada ao espaço indomado, em lavoura, compreendida como expressão de ordem, produtividade e prosperidade. Tal lógica aproxima-se da crítica de Garrard (2006, p. 35), segundo a qual, em uma perspectiva antropocêntrica, “a natureza só é valorizada em termos de sua utilidade para nós”. Desse modo, a mata passa a adquirir valor, na narrativa, sobretudo quando pode ser convertida em lavoura, trabalho e prosperidade humana.

CORPO, CLIMA E VULNERABILIDADE AMBIENTAL

Além de aparecer como obstáculo produtivo, o mundo natural também atua, diretamente, como algoz no corpo humano, por meio do clima. Em dado momento, o narrador informa que “O Dr. Cardoso pouco saía de casa. Sofria de reumatismo e quem sofre de tal doença não é dono do seu nariz. Basta que a temperatura mudasse para que ele começasse a sentir dores por todo o corpo” (Mércio, 1940, p. 37). Nesse caso, o ecossistema brasileiro, com suas oscilações térmicas e umidade, aparece como um agente que condiciona o

**Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 6 (2026) - DOSSIÊ ESPECIAL:
Conhecimento, Formação e Transformação Social**

**A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição
(CC BY)**





sofrimento físico e limita a mobilidade da personagem, demonstrando como o ambiente natural interfere diretamente na experiência corporal do indivíduo. Sendo assim, o ambiente não é apenas exterior à vida humana: ele atravessa o corpo e interfere no cotidiano.

Ao mesmo tempo, essa dinâmica pode ser aproximada do conceito de construcionismo recíproco, discutido por Lawrence Buell (2001), na medida em que a relação entre ser humano e ambiente é marcada por influências mútuas. No romance, os sujeitos transformam a paisagem em busca de sobrevivência, prosperidade e melhores condições de vida; contudo, o ambiente também atua sobre eles, impondo limites, dores e formas de vulnerabilidade. A referência ao reumatismo do Dr. Cardoso, intensificado pelas mudanças de temperatura, evidencia justamente essa dimensão corporal da relação ecológica: o meio não é apenas modificado pelo ser humano, mas também interfere concretamente em sua existência.

Essa mesma vulnerabilidade aparece quando, após as comemorações cívicas, o Dr. Cardoso pede a Flávia, sua neta, que busque o chapéu esquecido, justificando que o sol sobre sua cabeça poderia constipá-lo: “Êste sol no meu coco pode constipar” (Mércio, 1940, p. 52). A observação é breve e surge em uma cena cotidiana, quando o personagem se prepara para sair com Flávia e as crianças, antes do passeio que os levará à Lagoa. Nesse aspecto, o romance aproxima a experiência ambiental da vida comum, mostrando que habitar a terra implica adaptar o corpo às condições do lugar.

O deslocamento de Mário pela estrada também reforça essa perspectiva. A cena ocorre durante o retorno do personagem a Cruzeiro, após sua permanência na colônia em uma ação de vacinação, quando ele viaja acompanhado por João, figura que atua como seu companheiro de percurso. Nesse trajeto, o espaço rural passa a ser experimentado fisicamente: Mário sente-se “todo duro, com o corpo todo dolorido, exausto” (Mércio, 1940, p. 115), depois de cavalgar por uma estrada na qual “auto não passa” e onde seria melhor seguir a cavalo do que a pé, devido à “pedra bruta”. A estrada, o cavalo e a pedra compõem uma experiência concreta do território, marcada pela fadiga e pela dificuldade de locomoção. Portanto, o ambiente rural é sentido no corpo e nos limites impostos pelo caminho.





Desse modo, nesta primeira categoria de análise, observa-se que a natureza é representada em associação ao imaginário do progresso e à lógica de domínio territorial, uma vez que a mata e o solo aparecem como forças que exigem esforço, adaptação e reorganização da vida cotidiana, sendo frequentemente compreendidos como obstáculos a serem vencidos e convertidos em espaço produtivo. Entretanto, a atuação do ambiente natural não se restringe à paisagem exterior: a referência ao reumatismo do Dr. Cardoso demonstra que o clima também incide sobre o corpo, agravando limitações físicas, condicionando hábitos cotidianos e evidenciando a vulnerabilidade humana diante das forças ambientais.

O SUBLIME: AMEAÇA E CONTEMPLAÇÃO

O momento de maior personificação da natureza como força adversa ocorre na cena da tempestade, durante o deslocamento de Mário e João pela estrada da colônia, antes da ação de vacinação na região. Ainda no percurso, antes de encontrarem abrigo na casa de João Guilherme Müller – morador e comerciante da colônia –, as personagens são surpreendidas pelo mau tempo, e a travessia rural transforma-se em uma experiência de ameaça e vulnerabilidade. Nesse episódio, o ambiente assume contornos ameaçadores e domina completamente o espaço narrativo. Sob esse aspecto, a descrição sugere uma agressividade quase consciente da paisagem:

As montanhas em redor pareciam querer desabar sobre as casas. As nuvens muito baixas, tapando o sol, pesavam sobre a terra e o dia ia se tornando escuro. Distante, ribombava o trovão. Bastava olhar-se para o céu para obter-se a certeza de que se estava na iminência de um forte temporal. As pessoas corriam procurando abrigo e empregando todo o esforço para chegar ao destino antes da chuva. As janelas se fechavam. E de longe se ouvia o barulho que vinha chegando, a toda velocidade, vencendo rapidamente as distâncias, levantando o pó da estrada, com seus grossos pingos. E a chuvarada caiu (Mércio, 1940, p. 107).

No trecho, as formas do relevo transformam-se em perigos iminentes para os habitantes. A partir da ecocrítica, essa descrição pode ser relacionada ao tropo do sublime,

**Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 6 (2026) - DOSSIÊ ESPECIAL:
Conhecimento, Formação e Transformação Social**

**A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição
(CC BY)**





conceito discutido por Greg Garrard (2006), no qual a natureza se manifesta como uma força grandiosa e aterradora que ultrapassa o controle humano. A tempestade, portanto, evidencia a desproporção entre a fragilidade humana e a potência do ambiente natural, produzindo nas personagens uma experiência simultânea de temor e admiração diante da magnitude da paisagem.

O avanço do temporal é descrito de forma progressiva, criando uma atmosfera de tensão e perigo iminente: “A chuva aumentava. Faíscas cruzavam o espaço e o trovão berrava roucamente acima de suas cabeças. – Tempo feio! Parece que o mundo vai desabar!” (Mércio, 1940, p. 108). A escolha de verbos como “berrar” atribui ao trovão uma dimensão quase humana, como se a natureza expressasse uma fúria própria, enquanto os relâmpagos e a intensificação da chuva reforçam a sensação de caos e descontrole.

Essa construção desestabiliza o antropocentrismo, pois desloca o ser humano da posição de centro organizador do mundo e evidencia a agência do não humano. Ao atribuir ao trovão a ação de “berrar”, a narrativa aproxima o fenômeno natural de uma manifestação viva e expressiva, como se a tempestade possuísse uma força própria capaz de intervir na experiência das personagens.

Desse modo, a natureza não aparece subordinada ao olhar humano, ela se impõe, altera a percepção do espaço e produz medo nas personagens. A tempestade, portanto, ultrapassa a função de fenômeno climático e passa a atuar como uma força ativa e ameaçadora, reforçando a ideia de que, na narrativa, o ambiente natural pode assumir o papel de antagonista e expor a fragilidade humana diante de sua potência.

Ademais, a obra ainda preserva momentos de epifania, como na cena em que o Dr. Cardoso observa o pôr do sol com as crianças:

Vovô olhou o céu. O sol estava baixo. Para o lado do poente uma grande faixa vermelha lacrava o horizonte. -Reparem! O sol pegou fogo no céu! E a garotada olhou: Que espetáculo magnífico! Todo o ocidente borrado de vermelho e o astro maravilhoso caindo por detrás das montanhas, no ocaso. E o dr. Cardoso filosofou: - Essa marcha, que o rei da nossa constelação faz todos os dias, é como a vida das criaturas. Essas crianças são a madrugada: Flávia, se aproxima do meio dia. Eu...

**Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 6 (2026) - DOSSIÊ ESPECIAL:
Conhecimento, Formação e Transformação Social**

**A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição
(CC BY)**





sou a tarde. Para uns, o dia é claro e luminoso; para outros é nublado e escuro. E o sol grandioso, monumental, banhado em sangue, se refletia naquelas cabecinhas louras, dourando seus cabelos da cor do trigo maduro (Mércio, 1940, p. 55-56).

No excerto, a natureza recupera sua dimensão estética e contemplativa, aproximando-se, assim, do sublime. A partir dessa perspectiva, o espetáculo do pôr do sol provoca admiração e reflexão filosófica, ao mesmo tempo em que revela a potência simbólica da paisagem natural. Além disso, ao comparar o ciclo diário do sol com as fases da vida humana, o Dr. Cardoso estabelece uma analogia que integra o destino humano aos ritmos do cosmos. Com isso, a narrativa sugere que a existência das personagens se insere em uma ordem natural mais ampla.

Além disso, a imagem final, na qual a luz do sol “doura” os cabelos das crianças “da cor do trigo maduro”, produz uma fusão simbólica entre natureza e cultura: o trigo, elemento associado à tradição agrícola europeia, é iluminado pelo sol do novo território. Essa metáfora sugere um processo de aclimação identitária, no qual a herança cultural dos imigrantes passa a coexistir com o ambiente brasileiro. Assim, a paisagem deixa de ser apenas um espaço a ser dominado para tornar-se, também, um lugar de contemplação e pertencimento, indicando que a relação entre colono e natureza, antes marcada pelo conflito, adquire novos sentidos de integração com o novo meio.

Assim, as cenas da tempestade e do pôr do sol revelam duas manifestações do sublime em *Longe do Reno*: a primeira vinculada à ameaça e à exposição da fragilidade humana; a segunda associada à contemplação da grandeza da paisagem. Em ambas, a natureza interfere na percepção dos sujeitos e amplia o sentido da experiência imigrante.

A TERRA, O TRABALHO E O TROPO GEÓRGICO

Além da representação da natureza como obstáculo e como manifestação do sublime, o romance também apresenta a terra como espaço de trabalho, sustento e construção do pertencimento. Essa dimensão aproxima-se do tropo geórgico, associado, em Garrard (2006),

**Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 6 (2026) - DOSSIÊ ESPECIAL:
Conhecimento, Formação e Transformação Social**

**A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição
(CC BY)**





à valorização do trabalho humano sobre a terra e à responsabilidade envolvida no ato de habitá-la.

Diferentemente de uma visão apenas contemplativa ou idealizada da paisagem, o geórgico enfatiza a relação prática dos imigrantes com o ambiente, marcada pelo cultivo, pela produção e pela permanência. Em *Longe do Reno*, essa perspectiva aparece de forma recorrente, sobretudo quando a terra brasileira é apresentada como espaço capaz de oferecer fartura, desde que mediada pelo esforço humano.

A associação entre terra e trabalho aparece no trecho em que Hugo⁸ escreve à família que está na Alemanha afirmando que, no Brasil, “há fartura de tudo... e há trabalho” (Mércio, 1940, p. 31). A frase sintetiza uma das imagens centrais do romance: a nova terra é lugar em que a sobrevivência depende da disposição para o trabalho. A fartura, portanto, não surge como dádiva pura da natureza, mas como resultado de uma relação produtiva entre o sujeito e o solo. Nesse sentido, a paisagem brasileira é incorporada ao imaginário imigrante como promessa de vida, desde que transformada pela ação humana.

A mesma lógica reaparece quando o narrador afirma que Mário “vira da terra crescer as plantas que o braço forte do colono plantava, enchendo de riqueza o Brasil” e conclui que ser brasileiro é “trabalhar” e “cultivar a lavoura, que dá o pão” (Mércio, 1940, p. 112). Na passagem, o pertencimento nacional deixa de ser definido apenas pela língua ou pela origem étnica, passando a ser associado à capacidade de trabalhar a terra e contribuir para a prosperidade do país. A lavoura, nesse contexto, torna-se símbolo de integração: por meio dela, o imigrante deixa de ser estrangeiro e passa a ser reconhecido como sujeito produtivo dentro da pátria brasileira.

Entretanto, a valorização do trabalho agrícola conserva uma ambiguidade importante.

8 Hugo é filho de “Herr” Roberto e “Frau” Berta, integrantes de uma família alemã marcada pelas dificuldades do pós-guerra. Diante da pobreza, da fome e da falta de perspectivas na Alemanha, ele é o primeiro da família a defender a emigração para a América e parte antes dos demais para o Brasil. Ao chegar ao Rio Grande do Sul, estabelece-se em Cruzeiro, onde consegue trabalho em uma fábrica de conservas. Depois de melhorar sua condição de vida, escreve aos pais, que ainda permaneciam na Alemanha, chamando-os para se juntar a ele na nova terra.



Ao mesmo tempo em que a terra aparece como fonte de pão, riqueza e integração dos imigrantes à nova pátria, ela continua sendo compreendida a partir de sua utilidade para o projeto humano. A “grande terra fecunda que distribui a riqueza e a fartura a todos os que trabalham” (Mércio, 1940, p. 112) reforça a imagem de um ambiente generoso, mas essa generosidade é condicionada pela produtividade. Desse modo, o tropo geórgico, no romance, aproxima-se da retórica do progresso antropocêntrico já analisada, pois a terra é valorizada tanto como morada e sustento quanto como recurso a ser cultivado, ordenado e convertido em prosperidade.

PAISAGEM, PERTENCIMENTO E ACLIMATAÇÃO IDENTITÁRIA

A relação entre imigração e natureza também se manifesta na construção afetiva do pertencimento. Em diversos momentos, *Longe do Reno* sugere que a integração dos imigrantes ao Brasil vai além da adesão política à pátria e do aprendizado de uma identidade nacional, passando por uma relação sensível com a terra habitada. A paisagem, nesse sentido, participa da aclimação identitária das personagens, pois o novo território deixa de ser espaço estrangeiro e passa a ser reconhecido como lugar de vida possível.

A dicotomia entre a Alemanha e o Brasil é resolvida pela aceitação da fartura e da beleza ambiental. Esse processo torna-se evidente, sobretudo, em dois momentos: o primeiro ocorre na carta de Hugo dirigida ao pai, que constitui um dos pontos de maior clareza da transformação identitária. Ao afirmar: “Aqui, nestes quatro anos, nunca tive um desgosto. Que povo bom, meu pai! São nossos irmãos! Há fartura de tudo... e há trabalho. Já amo esta terra como a minha Alemanha. Venha, meu pai, e traga mamãe; LONGE DO RENO também se vive...” (Mércio, 1940, p.31), a personagem estabelece uma comparação direta entre a Alemanha e o Brasil, indicando que a distância da terra natal é compensada pelas condições favoráveis encontradas no novo país.

A fartura e o trabalho aparecem, assim, como elementos centrais, que possibilitam o

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 6 (2026) - DOSSIÊ ESPECIAL:
Conhecimento, Formação e Transformação Social

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição
(CC BY)





enraizamento do imigrante e a construção de um sentimento de pertencimento. Um segundo momento significativo ocorre na passagem em que a mãe, emocionada, expressa gratidão pela terra que proporcionou felicidade ao filho: “[...] ela sentiu que beijava essa terra, que premiara o filho com a felicidade e a riqueza. E amou o Brasil.” (Mércio, 1940, p.32). No episódio, a aceitação do novo território se manifesta por meio de um gesto simbólico de reconhecimento e afeto, sugerindo que a prosperidade material conduz também a uma reconciliação emocional com o espaço brasileiro.

Por fim, a narrativa introduz ainda a expressão “beleza ambiente”, ao descrever o olhar do Dr. Vasconcelos que, inicialmente, se apresenta como um estranho diante da paisagem e da cultura locais: “Mas, o dr. Vasconcelos, era um estranho. Para ele essa terra, esse povo, toda a beleza ambiente, eram desconhecidas.” (Mércio, 1940, p.62). Enquanto, para o recém-chegado, a beleza permanece invisível ou incompreendida, para personagens já integrados ao novo contexto, como Hugo, o ambiente natural e a fartura da terra tornam-se fatores fundamentais na superação do sentimento de desenraizamento e na construção de uma nova identidade ligada ao Brasil.

Assim, a paisagem brasileira torna-se mediadora entre memória e futuro, entre a herança alemã e a experiência concreta no Vale do Paranhana. A natureza, nesse caso, participa da reconstrução identitária, porque oferece o solo sobre o qual as personagens podem reelaborar sua relação com a pátria, a família e a própria ideia de lar.

PASTORAL: UTOPIA, FARTURA E PERTENCIMENTO

Conforme Garrard (2006, p. 60), a pastoral pode ser compreendida a partir de três orientações temporais: a elegia, que volta o olhar para um passado desaparecido com sentimento de perda ou saudade; o idílio, que celebra um presente harmonioso e generoso; e a utopia, que projeta um futuro redimido, marcado pela esperança de restauração ou felicidade. Em *Longe do Reno*, a pastoral aparece articulada à experiência da imigração alemã, pois a narrativa contrapõe a Europa arruinada pela guerra à imagem do Brasil como terra de fartura,

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 6 (2026) - DOSSIÊ ESPECIAL:
Conhecimento, Formação e Transformação Social

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição
(CC BY)





acolhimento e possibilidade de pertencimento.

Na narrativa, o tropo pastoral manifesta-se, inicialmente, na forma como a América é imaginada pelas personagens antes da partida. Diante de uma Alemanha marcada pela guerra, pela humilhação, pela fome e pela ruína, o Brasil surge como possibilidade de recomposição da vida. A fala de Hugo sintetiza esse horizonte de esperança:

Roberto servira na guerra e chegara a ganhar a Cruz de Ferro. Quando voltou, porém, estava velho, prematuramente. Ferido num combate, nunca mais recuperara a saúde. Veio a paz, mas com ela a humilhação do povo, a ruína e a fome. Hugo, cheio de entusiasmo moço, cansado daquela vida, encontrou certo dia uma solução: - Iremos para a América, - disse aos da família. Lá, há fartura, há trabalho para todos. “Herr” Roberto, entretanto, ponderou: - E recursos? (Mércio, 1940, p. 29).

A orientação utópica da pastoral manifesta-se quando a América é imaginada como espaço de redenção. Quando as personagens a projetam como um lugar onde “há fartura, há trabalho para todos”, eles evocam a imagem pastoral de um refúgio da civilização alemã em crise. A descrição do Brasil como “terra dadivosa” que “premiara o filho com a felicidade” reforça a visão idealizada de uma harmonia entre homem e ambiente, onde a terra é provedora benevolente.

A idealização torna-se ainda mais evidente na carta de Hugo ao pai, quando afirma: “Aqui, nestes quatro anos, nunca tive um desgosto”; “Há fartura de tudo... e há trabalho”; “Já amo esta terra como a minha Alemanha”. A repetição da ideia de fartura reforça a construção pastoral do Brasil como espaço generoso, capaz de acolher o estrangeiro e de permitir sua integração afetiva. A expressão “rumo ao Brasil, rumo ao paraíso” intensifica a leitura, pois aproxima o deslocamento migratório de uma entrada simbólica em uma terra prometida. Nesse sentido, a pastoral participa da formação de uma expectativa coletiva: a de que a vida, em contato com a terra fértil e acolhedora, poderia reparar as perdas, a fome e a instabilidade vividas na Europa.





ANIMAIS

Os animais também integram a construção ecocrítica de *Longe do Reno*, ainda que apareçam de maneira discreta e vinculada ao cotidiano rural, patos, peixes, cavalos, galos e carrapatos compõem a paisagem habitada. Conforme Garrard (2006), os animais podem funcionar como tropo relevante para a Ecocrítica, pois sua representação revela modos culturais de compreender a relação entre humano e não humano.

No romance, eles aparecem como parte da rotina doméstica, do trabalho, da alimentação e do deslocamento. Essa presença pode ser observada na cena em que Dr. Cardoso, Flávia e as crianças passam na casa da vó Nana antes do passeio à Lagoa. Enquanto as crianças são recebidas com doces, logo se interessam pela criação no terreiro, e Edith⁹ pede à avó: “Vovó, a senhora ‘me dá’ um patinho?” (Mércio, 1940, p. 52). A cena é breve, mas revela a familiaridade das crianças com os animais domésticos e com a vida do terreiro, espaço em que a criação integra o cotidiano da colônia. De modo semelhante, a pesca aparece como prática recreativa e alimentar quando o grupo chega à Lagoa. Dr. Cardoso prepara os anzóis e, depois que Raquel¹⁰ pesca um lambari, comemora: “Que lambarizão! Vamos ter uma fritada e tanto!” (Mércio, 1940, p. 55). Nessas passagens, os animais não são tratados como sujeitos autônomos, mas como parte da economia e do alimento do ambiente rural.

O cavalo, por sua vez, aparece associado ao deslocamento e às limitações materiais da região. A cena ocorre durante o retorno de Mário a Cruzeiro, após sua permanência na colônia, quando ele viaja acompanhado por João, seu companheiro de percurso. O corpo de Mário já registra o desgaste da viagem, e o diálogo entre os dois evidencia a precariedade do caminho: João comenta que “não há como um bom automóvel”, mas Mário responde que, naquela estrada, “auto não passa” e que seria preferível seguir a cavalo a caminhar sobre a “pedra bruta” (Mércio, 1940, p. 115).

Desse modo, o cavalo não aparece apenas como meio de transporte, mas como parte

9 Uma das crianças, netas de Dr. Cardoso.

10 Também neta de Dr. Cardoso.





da adaptação humana às condições materiais do território. A mobilidade na colônia depende de práticas ajustadas ao relevo, à estrada e aos limites técnicos do espaço, revelando que o ambiente molda a forma de circulação e o meio de transporte.

A METÁFORA DO CARRAPATO

Ao final do romance, o pertencimento de Mário a Cruzeiro consolida-se como resultado de sua aproximação com a comunidade e com o território. Esse vínculo torna-se evidente quando os moradores organizam uma festa em homenagem à anulação de sua transferência, gesto que marca sua aceitação no espaço local. Se, no início da narrativa, Mário chega a Cruzeiro com estranhamento e desconfiança, ao final ele já se reconhece ligado à cidade, às pessoas e à vida construída naquele lugar.

Comovido pela demonstração de acolhimento, o personagem recorre a uma metáfora: “Estou preso a esta terra como o carrapato em couro de boi” (Mércio, 1940, p. 162). Sob a perspectiva da Ecocrítica, a imagem sugere um vínculo intenso e quase orgânico entre o sujeito e o território. O carrapato não apenas repousa sobre o corpo do boi, mas fixa-se nele e depende diretamente de sua matéria para sobreviver. De forma análoga, o personagem passa a reconhecer sua própria ligação com o espaço de Cruzeiro, construída pela convivência com o ambiente natural e pelas relações sociais que estabelece. Além disso, a metáfora também reforça a passagem de Mário de observador externo a sujeito integrado ao espaço de Cruzeiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura desenvolvida neste trabalho permitiu compreender que, em *Longe do Reno*, a natureza participa de modo decisivo da construção simbólica da experiência dos imigrantes falantes de língua alemã no Vale do Paranhana. Embora o romance de Bayard de Toledo Mércio tenha sido escrito como resposta a *Um rio imita o Reno*, de Clodomir Vianna Moog, e esteja diretamente ligado aos debates sobre imigração, nacionalidade e integração cultural no





contexto do Estado Novo, a análise ecocrítica evidencia que sua força interpretativa não se limita à defesa da comunidade teuto-brasileira. Ao representar a terra, a mata, o clima, a lavoura, os animais, os caminhos e a paisagem da cidade de Cruzeiro e região, a narrativa também registra formas de relação entre humanos e ambiente, revelando como a adaptação ao novo território se constrói por meio do contato com a natureza.

Nesse percurso, confirmou-se a hipótese de que a natureza, no romance, ultrapassa a função de cenário. Ela interfere nas ações das personagens, organiza experiências, impõe limites, provoca deslocamentos, afeta corpos e participa da formação da identidade imigrante. A paisagem não aparece apenas como fundo descritivo da vida colonial, mas como elemento que condiciona os sujeitos ao espaço brasileiro. Por isso, a leitura ecocrítica mostrou-se pertinente para compreender aspectos da obra que poderiam permanecer secundários em uma abordagem voltada apenas à questão nacional ou cultural.

A análise demonstrou, inicialmente, que a mata e a terra são representadas a partir de uma lógica fortemente antropocêntrica, na qual o ambiente é valorizado conforme sua possibilidade de transformação em lavoura, moradia e prosperidade. A derrubada da mata, a abertura de roças e a domesticação da paisagem aparecem associadas ao progresso e à permanência dos colonos. No entanto, essa representação também evidencia uma tensão importante: aquilo que, no plano histórico e cultural, surge como sobrevivência e integração, no plano ecológico revela a submissão da natureza a um projeto humano de ordenamento e produtividade. Dessa forma, o romance conserva marcas de uma visão de mundo em que a natureza é condição de vida e objeto de domínio. Essa ambiguidade não diminui a importância do romance; ao contrário, amplia suas possibilidades interpretativas.

A presença do sublime amplia essa leitura ao mostrar que o ambiente não se deixa reduzir inteiramente à lógica do controle. Nas cenas da tempestade, do pôr do sol e das forças naturais que atravessam a narrativa, a paisagem manifesta uma potência que excede a vontade humana. Assim, mesmo em uma obra marcada pela valorização do trabalho e da integração nacional, há momentos em que o ambiente se impõe como força ativa, capaz de alterar





percepções e deslocar a centralidade do humano.

Também se observou que a terra e o trabalho agrícola constituem um dos eixos centrais da narrativa. O cultivo, a lavoura e a fartura aproximam o romance do tropo geórgico, pois o pertencimento ao território é construído pela prática cotidiana de trabalhar a terra e nela permanecer. Ao mesmo tempo, o imaginário pastoral aparece na idealização do Brasil como lugar de recomposição da vida, em contraste com a Alemanha marcada pela guerra, pela fome e pela ruína. Nesse sentido, o Brasil é projetado como espaço de futuro, acolhimento e possibilidade, enquanto a cidade de Cruzeiro se converte, na experiência das personagens, em lugar de enraizamento.

O vínculo com o Brasil não se estabelece apenas por meio de discursos patrióticos ou da adesão à nacionalidade, mas também pela experiência concreta de habitar, cultivar, percorrer e reconhecer o território. A terra que oferece trabalho e fartura torna-se também espaço de memória e afeto. Por isso, a integração representada por Mércio, além de cultural, é também territorial, pois passa pela relação das personagens com o ambiente que as acolhe e transforma.

A presença dos animais e, especialmente, a metáfora final do carrapato reforçam essa dimensão. Quando Mário afirma estar “preso a esta terra como o carrapato em couro de boi” (Mércio, 1940, p. 162), o romance sintetiza, em uma imagem retirada do universo rural, o processo de transformação da personagem. Aquele que inicialmente chega a Cruzeiro como estranho, desconfiado da comunidade e do espaço, termina vinculado à terra de maneira intensa, quase orgânica. A metáfora expressa de forma significativa o pertencimento construído ao longo da narrativa: estar preso à terra significa tornar-se parte de uma rede de relações sociais e ambientais.

Desse modo, este trabalho contribui para a leitura de *Longe do Reno* ao deslocar o olhar da questão identitária para a relação entre literatura, natureza e território. A obra de Mércio, frequentemente compreendida a partir de seu diálogo com Vianna Moog e dos debates sobre nacionalização dos descendentes de imigrantes alemães, revela-se também um





texto importante para pensar a paisagem do Vale do Paranhana como espaço de memória ambiental e cultural. A Ecocrítica, nesse sentido, permitiu evidenciar que a literatura regional registra formas históricas de habitar, transformar e imaginar o ambiente.

REFERÊNCIAS

BASSAN, Dilani Silveira. **Mobilidade espacial: a dinâmica das migrações e a trajetória dos migrantes na região do Vale do Paranhana/RS, Brasil**. 2017. 252 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2017.

BUELL, Lawrence. **The environmental imagination: Thoreau, nature writing, and the formation of American culture**. Cambridge: Harvard University Press, 1995.

BUELL, Lawrence. **Writing for an endangered world: literature, culture, and environment in the U.S. and beyond**. Cambridge, Massachusetts; London: The Belknap Press of Harvard University Press, 2001.

BUBLITZ, J. Forasteiros na floresta subtropical: notas para uma história ambiental da colonização alemã no Rio Grande do Sul. **Ambiente & Sociedade**, Campinas, v. 11, n. 2, p. 323-340, 2008.

COSTA, Alex Jacques da. **Seguindo ordens, cruzando campos: o governador e capitão-general Dom Diogo de Souza e a política do Império Português para o Rio da Prata (1808-1811)**. 2010. 256 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

COVE, R. O que é um tropo? Definição e exemplos. **Scribbr**, 25 nov. 2024. Disponível em: <<https://www.scribbr.com/rhetoric/trope/>>. Acesso em: 6 nov. 2025.

GARRARD, Greg. **Ecocrítica**. Tradução de Luís Leitão. Lisboa: Gradiva, 2006.

GERTZ, René. **O perigo alemão**. Porto Alegre: UFRGS, 1991.

GEVEHR, Daniel Luciano; KASPARY, Rosane Maria. Essa floresta é nossa, tudo que nela

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 6 (2026) - DOSSIÊ ESPECIAL:
Conhecimento, Formação e Transformação Social

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição
(CC BY)





existe nos pertence: o espaço natural do Vale do Paranhana delimitado a partir da imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul. **Revista Latino-Americana de História**, São Leopoldo, v. 6, n. 17, p. 92-111, jan./jul. 2017.

GEVEHR, Daniel Luciano; BASSAN, Dilani Silveira; SANTOS, Edemilson Pichek dos; LUZ, Maurício Wamms da; RICHTER, Samanta Andresa; HEDLER, Tiago. Migrantes de terras distantes: a luta pela visibilidade e o direito de estar (Vale do Paranhana, RS, Brasil). **Profanações**, ano 6, n. esp., p. 94-118, nov. 2019.

GLOTFELTY, Cheryll; FROMM, Harold (org.). **The ecocriticism reader: landmarks in literary ecology**. Athens: University of Georgia Press, 1996.

KASPARY, Rosane Maria; GEVEHR, Daniel Luciano. Os impactos da imigração alemã no espaço natural do Vale do Paranhana (RS): uma análise crítica sobre a ocupação da região através da História Ambiental. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE DESENVOLVIMENTO REGIONAL, 7., 2015, Santa Cruz do Sul. **Anais [...]**. Santa Cruz do Sul: Unisc, 2015. p. 1-21.

MÉRCIO, Bayard de Toledo. **Longe do Reno: uma resposta a Vianna Moog**. Porto Alegre: Oficinas Gráficas do Instituto Técnico Profissional do Rio Grande do Sul, 1940.

MÜGGE, Ernani. Natureza e falantes de língua alemã no Brasil: literatura como memória e revelação. **Scripta Uniandrade**, Curitiba, v. 23, n. 1, p. 57-75, jun. 2025.

OLIVEIRA, Daiane Arend Flores de. **Ocupação e resistência: Paredão – uma comunidade remanescente de quilombo em zona de colonização europeia**. 2018. 117 f. Dissertação (Mestrado em Processos e Manifestações Culturais) - Universidade Feevale, Novo Hamburgo, 2018.

PÁDUA, José Augusto. **El dilema de la “cuna espléndida”: naturaleza y territorio en la construcción de Brasil**. In: LEAL, Claudia; SOLURI, John; PÁDUA, José Augusto. Un pasado vivo: dos siglos de historia ambiental latinoamericana. Bogotá: Universidad de los Andes, Facultad de Ciencias Sociales, 2019.





PEREIRA, Elenita Malta. **Entre o machado e a proteção: um balanço historiográfico sobre a imigração alemã e o meio ambiente no Rio Grande do Sul.** Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, n. 166, p. 157-182, jul. 2024.

PINTO, Francisco Neto Pereira; MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. Contribuição da ecocrítica ao ensino de literatura. **Revista EntreLetras**, Porto Nacional, v. 6, n. 1, p. 36-49, jan./jun. 2015.

ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Globo, 1969. 2 v. SANTOS, Rodrigo Luís dos. As percepções de Clodomir Vianna Moog e Bayard de Toledo Mércio acerca da nacionalização de imigrantes e descendentes nas obras *Um rio imita o Reno e Longe do Reno*. **Revista Vernáculo**, Fortaleza, n. 40, p. 70-84, 2. sem. 2017.

SCHIERHOLT, José Alfredo. **Rolante: rio que gera história. Homenagem pelos 50 anos de Município.** Rolante: J.A.S.: Câmara Municipal de Vereadores, 2004.

TRESSPACH, Rodrigo. **1824.** Porto Alegre: Citadel, 2023.

VOGT, Olgario Paulo. O alemanismo e o “perigo alemão” na literatura brasileira da primeira metade do século XX. **Revista Signo**, p. 225-258, 2007.

Recebido em: 19/04/2026

Aprovado em: 20/05/2026

Publicado em: 16/06/2026

